

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE FILOSOFIA

**KAIO ROBERTO ALMEIDA DOS SANTOS**

**AGOSTINHO: A DESCOBERTA DO CAMINHO INTERIOR PARA UMA VIDA  
GENUINAMENTE FELIZ**

São Luís  
2024

**KAIO ROBERTO ALMEIDA DOS SANTOS**

**AGOSTINHO: A DESCOBERTA DO CAMINHO INTERIOR PARA UMA VIDA  
GENUINAMENTE FELIZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação de Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia. Monografia sob a orientação do Prof. Dr. José Assunção Fernandes Leite.

São Luís

2024

**KAIO ROBERTO ALMEIDA DOS SANTOS**

**AGOSTINHO: A DESCOBERTA DO CAMINHO INTERIOR PARA UMA VIDA  
GENUINAMENTE FELIZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação de Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia. Monografia sob a orientação do Prof. Dr. José Assunção Fernandes Leite.

**Aprovado em:** \_\_\_/ \_\_\_/ \_\_\_

Monografia aprovada como requisito parcial à obtenção de grau do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão, pela seguinte banca examinadora:

---

Prof. Dr. José Assunção Fernandes Leite  
Universidade Federal do Maranhão

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Maria Olília Serra  
Universidade Federal do Maranhão

---

Prof. Dr. Sidnei Francisco do Nascimento  
Universidade Federal do Maranhão

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Santos, Kaio Roberto Almeida dos.

Agostinho: : A Descoberta do Caminho Interior Para Uma  
Vida Genuinamente Feliz / Kaio Roberto Almeida dos Santos.  
- 2024.

38 f.

Orientador(a): José Assunção Fernandes Leite.  
Monografia (Graduação) - Curso de Filosofia,  
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

1. Filosofia. 2. Agostinho de Hipoma. 3. Felicidade.  
4. Interioridade. 5. . I. Leite, José Assunção  
Fernandes. II. Título.

## RESUMO

Este trabalho visou analisar a questão da felicidade segundo o pensamento de Aurelio Agostinho, ou Santo Agostinho de Hipona. A questão da felicidade sempre foi algo caro à Filosofia desde a Antiguidade, sendo motivo de inquietações para filósofos como Epicuro e Sêneca. Isto não foi diferente para o filósofo e teólogo Agostinho, pois uma de suas primeiras obras após a sua conversão ao cristianismo foi um livro estruturado em forma de diálogo, o qual fala sobre a felicidade: *A Vida Feliz* ou *De Beata Vita*. O livro trata da felicidade de maneira a descobrir como alguém consegue ser feliz de forma genuína, já que depositar a sua felicidade nas coisas físicas ou em conquistas pode, como consequência de algum revés, ser perdida. Por isso, Agostinho propõe em seu livro buscar uma forma de felicidade que seja livre das vicissitudes da vida e que seja um bem imutável. Para o filósofo ser feliz é saciar-se por completo diante da posse do bem que é imutável que, segundo o autor, é Deus. De fato, é certo inferir que a felicidade transcende, então, a materialidade deste mundo sensível. Em suma, a felicidade genuína está na vida futura, ou seja, na vida eterna. Diante disso, esta pesquisa foi desenvolvida a partir do método de revisão bibliográfica, com caráter qualitativo e exploratório. Para atingir os objetivos propostos, foram utilizadas as contribuições teóricas de Étienne Gilson, que versa sobre aspectos referentes à filosofia agostiniana; e Cláudio Moreschini, que trata da filosofia patrística.

**Palavras-chave:** Filosofia. Agostinho de Hipona. Felicidade. Interioridade

## ABSTRACT

This work aimed to analyze the issue of happiness according to the thought of Aurelius Augustine, or Saint Augustine of Hippo. The issue of happiness has always been something dear to Philosophy since its advent in Antiquity, being a cause of concern for philosophers such as Epicurus and Seneca. This was no different for the philosopher and theologian Augustine, since one of his first works after his conversion to Christianity was precisely a book structured in the form of a dialogue, which talks about happiness: "The Happy Life" or "De Beata Vita". The book deals with happiness in a way that discovers how someone can be genuinely happy, since placing one's happiness in physical things or in achievements can, because of some setback, be lost. And for this reason, Augustine proposes in his book to seek a form of happiness that is free from the vicissitudes of life and that is an immutable good. For the philosopher, to be happy is to be completely satisfied with the possession of the good that is immutable, which, according to the author, in this case is God. In fact, it is correct to infer that happiness transcends the materiality of this sensible world. And, in short, genuine happiness is in the future life, that is, in eternal life. In view of this, this research was developed based on the bibliographic review method, with a qualitative and exploratory character. To achieve the proposed objectives, the theoretical contributions of Étienne Gilson, who deals with aspects related to Augustinian philosophy, and Cláudio Moreschini, who deals with patristic philosophy, were used.

**Keywords:** Philosophy. Augustine of Hippo. Happiness. Interiority.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1. O CONCEITO AGOSTINIANO DE FELICIDADE .....</b>	<b>10</b>
<b>1.1. A Filosofia e a felicidade.....</b>	<b>10</b>
<b>1.2. O contexto existencial de Agostinho.....</b>	<b>14</b>
<b>2. A BUSCA DA FELICIDADE E OS DESEJOS.....</b>	<b>19</b>
<b>2.1. A Filosofia como um porto para a felicidade .....</b>	<b>19</b>
<b>2.2. O desejo da felicidade.....</b>	<b>21</b>
<b>2.3. A posse de Deus como condição para a felicidade.....</b>	<b>25</b>
<b>3. A FELICIDADE COMO PLENITUDE ESPIRITUAL.....</b>	<b>31</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

O renomado estudioso das obras aristotélicas Enrico Berti, escreveu o seu livro *Convite à Filosofia* (2013) com o objetivo de, como o próprio nome da obra sugere, apresentar a Filosofia a todo aquele que deseja conhecê-la. No primeiro capítulo da obra, são estabelecidas por Berti sete tipos motivações que levam alguém a se interessar pela Filosofia, a saber: as motivações do tipo existencial, intelectual, científico, religioso, ético, político e cultural.

As motivações citadas pelo pensador servem como norte para todo aquele que deseja entender o que levou uma determinada pessoa ou pensador a buscar entender sobre um algum assunto. Essa realidade talvez não tenha sido diferente para o filósofo e teólogo Aurélio Agostinho, ou Santo Agostinho de Hipona (como é mais conhecido). A vida do filósofo de Hipona sempre foi tomada por uma incessante angústia na busca pela verdade, e a Filosofia serviu como um guia que o permitiu sanar essa e outras inquietações.

A motivação do tipo existencial, que se refere “[...] ao sentido da existência humana, o que comumente se chama de sentido da vida” (BERTI, 2013, p. 15) mostrou a Agostinho que aquilo que todo ser humano anseia na busca por um sentido é ser feliz, tema este de suma importância para a Filosofia.

Diante do exposto, o presente trabalho não pretendeu exaurir o tema da felicidade trabalhado por Agostinho, mas teve em vista incrementar o entendimento a respeito desse tema sob a concepção do filósofo. No mundo contemporâneo, onde as crises existenciais tornaram-se mais evidentes, falar sobre um tema que propõe um sentido para a vida do ser humano é algo de suma importância, pois, acima de buscar a felicidade, é preciso que se estabeleça o que é isso.

Dentre os inúmeros questionamentos instituídos pela Filosofia desde o seu nascimento na Antiguidade, a questão “o que seria a felicidade?” fez-se uma das mais pertinentes. Desde esse período a felicidade continua a ocupar um espaço de grande destaque na reflexão filosófica acerca da vida humana.

A trajetória filosófica de Agostinho liga-se a sua trajetória de vida, pois sendo alguém inquieto por natureza, sempre se questionou e buscou encontrar a resposta para as diversas questões que assolavam os seus pensamentos. Para ele, a vida feliz genuína consistia em tomar posse de um bem que fosse imutável.

Por isso, ele buscou alcançar a Verdade segundo diversos pensamentos diferentes, por exemplo, no maniqueísmo e no ceticismo. Porém foi somente após ser inserido ao pensamento de alguns escritos neoplatônicos que ele pôde estabelecer uma forma mais ideal de felicidade.

Após a sua conversão à Igreja Católica Apostólica Romana em 386, Agostinho escreveu o seu livro *A Vida Feliz (De Beata Vita)*, o qual é escrito em forma de diálogos, abordando que a felicidade é um bem supremo a ser alcançado pelo sábio. Para o filósofo de Hipona, sábio é aquele que, usando a sabedoria, conseguirá alcançar a felicidade, sendo este pensamento típico da Filosofia Antiga. Com a sua conversão, ele usa esse pensamento para embasar a sua concepção de felicidade aos moldes do pensamento cristão.

Por volta dos anos 397 a 401, Agostinho redigiu uma das suas obras mais lidas pela posteridade, as *Confissões*. Neste livro, Agostinho narra a sua trajetória de vida antes e após a sua conversão e a alegria que foi, enfim, conhecer a Deus. Ao longo do livro percebe-se esse intenso amor do filósofo por encontrar a Verdade que ele tanto almejava e o forte ardor do encontro com Deus. Nas *Confissões* também são encontrados muitos dos temas discutidos por Agostinho além da felicidade, como aqueles de cunho metafísico, ético e existencial.

A beatitude agostiniana não consiste em simplesmente desejar ser feliz, pois, para Agostinho, é necessário saber o que desejar para, então, encontrar. A felicidade não está na satisfação por coisas que perecem com o tempo ou que podem ser perdidos pelas vicissitudes da vida, mas consiste em tomar posse de um bem que seja imutável e livre das inconstâncias, sejam elas quais forem.

Dito isso, o presente trabalho apresenta-se dividido em três capítulos. O primeiro tenciona por explicar, em aspectos gerais, algumas concepções sobre a felicidade no contexto da Filosofia Antiga e contextualizar a realidade vivida por Agostinho, explicando diversos aspectos da sua vida que influenciaram o seu pensamento tanto filosófico quanto teológico.

No segundo capítulo será trabalhado como Agostinho explica a sua ideia de felicidade, esclarecendo qual deve ser o alvo dos desejos do ser humano para tornar-se feliz de forma genuína a partir do seu encontro com Deus. No terceiro e último capítulo, trabalhar-se-ão as consequências, na pessoa, do seu encontro com Deus, sendo este um fenômeno que leva o ser humano a um estado de plenitude.

A fim de atingir os objetivos deste trabalho, a vigente pesquisa foi feita por meio de uma análise bibliográfica. A obra-chave para o estudo do respectivo tema foi *A Vida Feliz (De Beata Vita)*, de Santo Agostinho. Como complemento também foram analisadas as obras *Confissões* e *Solilóquios*, do mesmo autor, juntamente de comentadores e estudiosos do filósofo da patrística, como Étienne Gilson e Cláudio Moreschini.

## 1. O CONCEITO AGOSTINIANO DE FELICIDADE

Na visão de Agostinho de Hipona, a ideia de felicidade está atrelada a uma reta satisfação dos desejos, ou seja, a vida feliz para o filósofo envolve a satisfação dos desejos do ser humano. Porém, não é qualquer tipo de desejo ou alegria que garante esta vida feliz. Para Agostinho, a genuína felicidade deve ser buscada no conhecimento profundo da Verdade interior que habita no homem.

### 1.1. A Filosofia e a felicidade

Ao se falar sobre a felicidade na contemporaneidade nota-se, como dito pelo professor Rafael Rodrigues Pereira (2019), uma relação com os “sentimentos positivos”, ou seja, um estado mental que seja agradável para a pessoa. Como garantir este estado mental? A resposta para esta pergunta depende dos desejos da pessoa, pois para alguns é a conquista da fama, mas também pode ser o dinheiro, o conhecimento, a amizade, a conquista do emprego ideal, relacionamentos amorosos, experiências prazerosas entre outras coisas. A partir disso, pergunta-se: ser feliz é realmente alcançar um simples estado mental prazeroso? Se sim, então por qual motivo, na atualidade, há uma perda tão grande de sentido de ordem existencial por parte do ser humano?

Desde o seu advento na Antiguidade, a Filosofia se sempre preocupou em analisar e discutir a questão da felicidade, sendo esta algo tão caro e desejoso por parte do ser humano. É por esta razão que a professora Suzane Albornoz (2004, p. 7), na apresentação do livro *A Felicidade e a Filosofia*, expõe que “[...] os filósofos que por definição possuem compromisso com a sabedoria, têm oferecido suas reflexões e sugestões sobre questão tão importante para as vidas concretas de todos nós”. Este empenho dos filósofos pelo saber contribuiu para um extenso trabalho reflexivo e filosófico relacionado à dúvida sobre como alcançar a felicidade.

A Filosofia buscou sempre responder aos questionamentos mais básicos do ser humano. Os pré-socráticos<sup>1</sup>, por exemplo, insatisfeitos com as explicações mitológicas sobre a origem das coisas, buscaram responder de forma racional a

---

<sup>1</sup>O período pré-socrático atravessou todo o século VI a.C., quando filósofos oriundos das colônias gregas, como Jônio (atual Turquia) e Magna Grécia (sul da Itália e Sicília), iniciaram o processo de desligamento entre a filosofia e o pensamento mítico (ARANHA; MARTINS, 2016, p. 105).

respeito da origem do cosmos; depois vieram os chamados sofistas,<sup>2</sup> responsáveis por mudar o objeto de estudo para o ser humano. Os filósofos pararam de olhar para o céu e de se perguntarem a origem das coisas e passaram a olhar para si mesmos e questionarem o seguinte: de onde viemos? Para onde vamos? O que é o homem? O que é a felicidade? É possível ser feliz? Dentre essas perguntas, as relacionadas à felicidade se tornaram um tema relevante a ser estudado. A felicidade, de fato, ocupa um espaço de destaque na reflexão da vida humana e, por essa razão, os filósofos, ao longo da história, questionaram-se como alcançar uma vida feliz.

De certo modo, para a Filosofia grega, por exemplo, a concepção de felicidade estava atrelada à sabedoria. Sócrates<sup>3</sup>, por exemplo, em seu pensamento a respeito do Homem, tentou estabelecer uma ideia antropológica e filosófica sobre a natureza do ser humano. Para o pensador ateniense, o Homem é em sua essência um ser dotado de *psyche* (alma), pois é ela que o diferencia dos outros seres vivos. A *psyche*, na visão socrática, é a capacidade racional do ser humano, ou seja, onde está localizada a atividade pensante da pessoa. Por isso, Reale e Antiseri (2003a), no livro *A História da Filosofia: A Filosofia Pagã Antiga*, informam que, para Sócrates, a alma é o eu consciente, ou seja, a consciência e a personalidade intelectual e moral.

Em seu julgamento, relatado no diálogo *Apologia de Sócrates*, de Platão, Sócrates explica que

[o]utra coisa não faço senão perambular pela cidade para vos persuadir a todos, moços e velhos, a não vos preocupardes com o corpo nem com riquezas, mas a pordes o maior empenho no aperfeiçoamento da alma, insistindo em que a virtude não é dada pelo dinheiro, mas o inverso da virtude é eu provem a riqueza e os bens humanos em universal, assim públicos como particulares (PLATÃO, 2015, p. 125).

---

<sup>2</sup> Os sofistas, com efeito, operaram verdadeira revolução espiritual (deslocando o eixo da reflexão filosófica da *physis* e do cosmo para o homem e aquilo que concerne à vida do homem como membro de uma sociedade) e, portanto, centrando seus interesses sobre a ética, a política, a retórica, a arte, a língua, a religião e a educação; ou seja, sobre aquilo que hoje chamamos a cultura do homem (REALE; ANTISERI, 2003a, pp. 73 – 74).

<sup>3</sup> [...] nasceu em Atenas em 470/469 a.C. e morreu em 399 a.C., após condenação por “impiedade” (foi acusado de não crer nos deuses e de corromper os jovens; mas, por trás de tais acusações escondiam-se manobras políticas). Era filho de um escultor e uma obstetra. Não fundou uma Escola, como outros filósofos, realizando o seu ensinamento em locais públicos (nos ginásios, praças públicas etc.), como uma espécie de pregador leigo, exercendo imenso fascínio não só sobre os jovens, mas também sobre os homens de todas as idades, o que lhe custou inúmeras aversões e inimizades (REALE; ANTISERI, 2003a, p. 93).

Como mencionado no trecho do diálogo platônico, Sócrates revela o seu real objetivo para com as pessoas: ajudá-las no aprimoramento das virtudes<sup>4</sup> e conseqüentemente, no desenvolvimento da *psyche*. Este aprimoramento, na concepção do filósofo ateniense, seria o fim último do homem e a verdadeira forma de ele alcançar a felicidade. Em outras palavras, a realização dos desejos e das necessidades do corpo não são verdadeiras formas de felicidade e, sim, o agir de forma virtuosa e justa à luz de uma atividade racional, como maneira de desenvolvimento da *psyche* do indivíduo.

Pensadores do contexto helenístico<sup>5</sup>, como Epicuro<sup>6</sup> e Sêneca<sup>7</sup>, levaram a Filosofia a distanciar-se das especulações metafísicas e se concentraram em uma forma de desenvolver um guia para a vida. A Filosofia helenística ofereceria uma ajuda para a vida, ou seja, um conjunto de máximas que visavam auxiliar as pessoas a alcançarem a felicidade. Por essa razão Molina (2004, p.43) diz que “[...] para Epicuro, como para os estoicos, a Filosofia nos deve ensinar a ser felizes. A preocupação com a felicidade individual é um aspecto comum a toda a filosofia helenística”.

Para Epicuro, a felicidade estaria na ausência de dores no corpo – *aponia* – e na ausência de dores na alma – *ataraxia* –, conseguidas pela busca do prazer. Porém, quando se fala de prazer na concepção epicurista, é necessário entender que não é um simples gozo ou uma satisfação passageira, mas uma satisfação regrada pela capacidade racional do indivíduo. Por isso Molina (2004, p. 46) afirma que o “[...] segredo da felicidade consiste num cálculo prudente dos prazeres e das dores que dê, como resultado, a máxima quantidade possível de prazer”.

Na obra *Antologia de textos*, Epicuro (1985, p. 25) afirma que

---

<sup>4</sup> Aquilo que hoje se chama de “virtude” os gregos denominavam *areté*, significando aquilo que torna uma coisa boa e perfeita naquilo que é; ou, melhor ainda, *areté* significa a atividade ou modo de ser que aperfeiçoa cada coisa, fazendo-a ser aquilo que deve ser (REALE; ANTISERI, 2003a, p. 95).

<sup>5</sup> Com a conquista da Grécia pelos macedônios (322 a.C.), teve início o chamado período helenístico. Devido a expansão militar do império macedônico, efetuada por Alexandre Magno, o período helenístico caracterizou-se por um processo de interação entre a cultura grega clássica e a cultura dos povos orientais conquistados (ARANHA; MARTINS, 2016, p. 232).

<sup>6</sup> [...] nasceu no ano 341 a.C., em Atenas. Escreveu uma grande quantidade de textos, a maioria dos quais se perdeu, e morreu, também em Atenas, no ano de 270 a.C. Fundou, no jardim de sua casa, uma escola de Filosofia que ficou conhecida como a Escola do Jardim (MOLINA, 2004, p. 41).

<sup>7</sup> Lúcio Aneu Sêneca nasceu em Córdoba, na Espanha, entre o fim da era pagã e o princípio da era cristã. Em Roma, participou ativamente e com sucesso da vida política. Condenado por Nero ao suicídio em 65 d.C., Sêneca matou-se com estoica firmeza e admirável força de espírito (REALE e ANTISERI, 2003a, p. 326).

[n]em a posse das riquezas nem a abundância das coisas nem a obtenção de cargos ou poder produzem a felicidade e a bem-aventurança, produzem-na a ausência de dores, a moderação nos afetos e a disposição do espírito que se mantenha nos limites impostos pela natureza.

Para que a pessoa conseguisse ser feliz na visão epicurista, ela precisaria aprender a moderar os seus desejos como uma forma de evitar as dores tanto do corpo quanto da alma. Como dito anteriormente, a Filosofia, no contexto helenístico, ocupou-se em oferecer um guia para a vida de forma a garantir a felicidade do indivíduo. Com Sêneca isso não foi diferente, pois como dito por Edgar Hoffmann (2004, p. 55), em seu artigo *Sêneca: a tranquilidade da alma*, os “[...] pensamentos filosóficos de Sêneca possuem como centro as ideias relacionadas ao agir do ser humano de forma que possa aprender a viver bem, em outras palavras, a ser feliz”.

Como dito anteriormente, Sêneca foi um filósofo cujo pensamento estoico o levou a desenvolver uma série de ideias que levassem o ser humano a alcançar a felicidade e, por isso, quando se pensa em uma forma de interpretação sobre esse estoico, Hoffmann (2004, p. 51) diz que:

Sêneca é um filósofo da alma, um médico da alma; um médico que quer curar os males e mazelas dessa alma, sua filosofia está voltada para a busca da compreensão do que seja um verdadeiro bem para o homem, para a sua alma, para a sua vida. Como Santo Agostinho mais tarde, é interior, a interioridade do homem mais do que o mundo exterior que lhe interessa. Poderíamos chamar Sêneca de filósofo intimista, ou filósofo da intimidade humana.

Mas o que seria viver bem para Sêneca? O ser humano que vive bem é aquele que age segundo as virtudes, objetivando sempre o autodomínio e a fortaleza do ânimo como forma de alcançar a tranquilidade da alma mesmo diante às desgraças ou a um destino desafortunado. Por essa razão Hoffmann (2004, p. 55) comenta que “[...] viver bem não é buscar prazeres sensíveis, mas a verdadeira felicidade que é paz, que é serenidade inabalável, que é tranquilidade interior, tranquilidade da alma”. Por fim, a felicidade para Sêneca é a harmonia interior, a harmonia consigo mesmo e com as coisas do mundo.

Em vista disso, séculos antes do nascimento de Cristo já se pode notar que a busca pela felicidade não é uma simples posse de bens materiais ou uma simples concretização das suas paixões e dos seus desejos.

## 1.2. O contexto existencial de Agostinho

Assim como os filósofos citados anteriormente, pode-se também citar Aurélio Agostinho<sup>8</sup>, teólogo e filósofo da Patrística<sup>9</sup>, o qual também se questionou a respeito da felicidade e, por isso, desenvolveu um itinerário filosófico que objetivava alcançar uma forma genuína de uma vida feliz.

Para um entendimento mais adequado a respeito da questão da felicidade em Agostinho, ou Santo Agostinho, é necessário entender que o seu pensamento sobre a felicidade está fortemente ligado à sua conversão a Igreja Católica. Vale a pena inferir também que a própria vida desse grande filósofo e teólogo da patrística foi profundamente marcada por uma notória procura de um verdadeiro sentido para a sua existência. Por causa dessa inquietação natural e da ânsia por uma verdade definitiva, Agostinho teve como meta uma profunda reflexão sobre a existência humana.

A sua juventude foi marcada pelo estudo do latim, do grego e da retórica – arte do bem falar. O seu estudo da retórica o fez ter contato com as obras de Cícero<sup>10</sup>, em especial *Hortênsio*, sendo esta a responsável por apresentar a Filosofia a Agostinho e fazer com que ele se interessasse por ela.

---

<sup>8</sup> [...] nasceu em 354 em Tagaste, pequena cidade da Numídia, na África. Seu pai, Patrício, era pequeno proprietário de terras, ainda ligado ao paganismo (só iria se converter no fim da vida). Já sua mãe, Mônica, era uma fervorosa cristã. Depois de ter frequentado as escolas em Tagaste e na vizinha Madaura, conseguiu ir para Cartago, graças à ajuda financeira de um amigo de seu pai, para realizar os seus estudos de retórica (370/371). Sua formação cultural realizou-se inteiramente em língua latina e com base nos autores latinos (só superficialmente e não de muito bom grado ele se aproximou do grego). Para ele, Cícero manteve-se durante longo tempo como modelo e ponto de referência essencial. Na época de Agostinho, o retórico já perdera seu papel antigo, que como se sabe, era um papel político e civil, tendo se tornado essencialmente professor. [...] Agostinho chegou a Milão graças ao apoio do maniqueus, dos quais, como se verá, foi seguidor durante certo período. Mas em Milão, entre 384 e 386, através de profundas reflexões espirituais, amadureceu a sua conversão ao cristianismo. [...] Em 387, Agostinho recebeu o batismo pelo bispo Ambrósio [...] e deixou Milão para retornar à África. [...] Em 395, foi consagrado bispo. E, no ano seguinte, com a morte de Valério, Agostinho tornou-se bispo titular. Na pequena cidade de Hipona, travou grandes batalhas contra cismáticos e heréticos, nela escrevendo também seus livros mais importantes. [...] Morreu em 430, enquanto os vândalos sitiavam a cidade (REALE; ANTISERI, 2003b, pp. 81- 82).

<sup>9</sup> Patrística é o conjunto de escritos primitivos da era cristã, registrando suas experiências, seus ensinamentos, seus rituais e a vida eclesial. Esta denominação é cunhada por João Gerhard, teólogo luterano, em 1653. Esta denominação distingue os escritos do período da Antiguidade cristã. Seus escritores são intitulados Padres da Igreja. Assim, tem-se a Patrística para distinguir outros modelos de teologia como: bíblica, canônica, moral ou pastoral, embora a teologia patrística incorra em todas estas áreas dos estudos eclesiásticos (BOGAZ; COUTO; HANSEN. 2008, p.26).

<sup>10</sup> Cícero nasceu em 106 a.C. e morreu em 43 a.C., assassinado pelos soldados de Antônio. As numerosas obras filosóficas que chegaram até nós foram escritas por ele no último período de sua vida. [...] Em 44 a.C. foram publicadas as *Tusculanae disputationes* e o *De natura deorum*, ainda em 44 a.C. foi escrito o *De officiis* (REALE; ANTISERI, 2003b, p. 307).

De certa forma, o conhecimento da Filosofia pela obra *Hortênsio* foi um dos fatores que ocasionou a conversão de Agostinho. Como o Santo Doutor de Hipona mesmo diz em seu livro *Confissões* sobre a influência do livro de Cícero,

[a]penas me deleitava, naquela exortação, o fato de essas palavras me excitarem fortemente e acenderem em mim o desejo de amar, buscar, conquistar, reter e abraçar, não esta ou aquela seita, mas sim a sabedoria, qualquer que ela fosse (AGOSTINHO, 2015, p. 68).

Como é dito nesse trecho de *Confissões*, Agostinho expressa a importância dos ensinamentos contidos na obra de Cícero como uma forma de impulsioná-lo a buscar a sabedoria por meio da Filosofia. Essa necessidade por conhecer a Verdade, como já dito anteriormente, tornou-se o objetivo de vida de Agostinho, tendo-o levado a procurá-la em diversos lugares diferentes, dentre eles pode-se citar a seita maniqueísta<sup>11</sup>, da qual Agostinho fez parte durante um período de nove anos. Insatisfeito com as respostas maniqueístas, Agostinho afastou-se da seita, principalmente após conhecer Fausto, um famoso bispo da seita maniqueísta. Agostinho, ao falar com o bispo maniqueísta, chegou à conclusão de que, apesar do seu conhecimento limitado, era detentor de uma notória habilidade na retórica, o que facilitava no convencimento sobre as ideias pregadas pela seita maniqueísta. Como o próprio Agostinho diz em *Confissões*,

[!]ogo que ele chegou, notei que era homem amável, aliciante na conversa e que expunha de um modo mais agradável os mesmos assuntos que os maniqueístas costumam tratar. Mas como é que esse copeiro tão elegante, que me servia por copos preciosos, podia-me matar a sede? Já estava saciado de ouvir semelhantes teorias. Nem estas me pareciam melhores pelo fato de serem propostas em que a estivesse como verdadeiras, nem considerava como sábio por ser de rosto esbelto e palavreado colorido. Aqueles que o tinham elogiado não eram bons apreciadores, pois o tinham como prudente e sábio, pelo fato de os deleitar com a sua eloquência (AGOSTINHO, 2015, p. 108).

Como o trecho mostra, percebe-se a enorme habilidade de Fausto na eloquência, porém ela só mascarava a falta de conhecimento do bispo maniqueísta para esclarecer as dúvidas de Agostinho (AGOSTINHO, 2015, pp. 109 – 110). Por

---

<sup>11</sup> Maniqueísmo, é considerada como uma filosofia religiosa sincrética e dualística, ensinada pelo profeta persa Maniqueu (Mani ou Manes), combinando elementos do Zoroatrismo, Budismo e Cristianismo. Sua base é a filosofia dualística, que divide o mundo entre o Bem (Deus) e o Mal (Diabo). Nesta concepção a matéria é intrinsecamente má; e o espírito, intrinsecamente bom. Com a popularização do termo, maniqueísta passou a ser adjetivo para toda doutrina fundada nos dois princípios opostos do Bem e do Mal (BOGAZ; COUTO; HANSEN, 2008, p. 157).

isso, ele também fala que “[l]ogo que transpareceu com suficiente clareza a imperícia de Fausto nestas ciências em que julgava eminente, comecei a desesperar da sua capacidade para me esclarecer e desfazer as dificuldades que embaraçavam o meu espírito” (AGOSTINHO, 2015, pp. 109 – 110).

Após conhecer Fausto, Agostinho passou a descrever sobre o maniqueísmo por definitivo e considerou as ideias da seita fabulosas e sem muito nexos. Então, ele começou a se voltar ao pensamento do cristianismo. No entanto, ele ainda não conseguia compreender os ensinamentos cristãos, pois ele tentava entendê-los pela ótica maniqueísta. Agostinho tentava ver Deus como um ser corpóreo e o mal como uma substância disforme.

Diante do que foi dito, pode-se perceber a enorme angústia pela qual Agostinho passava. A ilusão causada pelos ensinamentos maniqueístas só tornou mais complicada a tentativa de Agostinho em compreender os ensinamentos do catolicismo, pois como ele mesmo diz: “[c]om efeito, quando meu espírito se esforçava por voltar à fé católica, sentia-se repellido, por que a opinião que formava da fé católica não era exata.” (AGOSTINHO, 2015, p. 117).

Tomado por uma enorme angústia existencial, Agostinho partiu para Milão, onde conheceu Ambrósio<sup>12</sup>, bispo da cidade. No começo, Agostinho preocupou-se em analisar as pregações do bispo Ambrósio como uma forma de averiguar se ele não seria somente outro retórico como Fausto, usando de suas habilidades na fala somente para iludir a quem o escutasse. No entanto, como o próprio Agostinho (2015, p.120) diz, “[p]elo que se refere ao assunto, não se podem comparar, pois um vagabundeava pelos enganos dos maniqueístas e ou outro ensinava com a máxima segurança a salvação”.

Conhecer o bispo Ambrósio, ou Santo Ambrósio, fez com que Agostinho tornasse definitiva a sua decisão por romper qualquer contato com a seita maniqueísta e conhecer com mais profundidade a Igreja Católica como um catecúmeno.

É importante salientar, também, outra figura muito importante na vida de Agostinho, a sua mãe Mônica, que, preocupada com a forma como o filho seguia com a sua vida, o seguiu até Milão. Ela saiu de sua terra, Tagaste, localizada no

---

<sup>12</sup> [...] Ambrósio, bispo de Milão de 374 a 397. Ambrósio foi grande como pastor, homem de ação erudito. Mas não é um pensador original. Foi um escritor muito fecundo. Tanto em teologia como em exegese bíblica, depende amplamente dos Padres gregos. Sua originalidade se encontra sobretudo nos escritos ético-pastorais [...] (REALE e ANTISERI, 2003b, p. 74).

continente africano, para encontrar-se com Agostinho. A presença de Mônica na vida de Agostinho foi também muito importante para garantir a sua conversão. Como é dito por ele a respeito de sua mãe em *Confissões*, ela

[e]ncontrou-me em grave perigo, na desesperação de buscar a verdade, mas, enfim, descobrindo-lhe que já não era maniqueísta e que também ainda não era católico, não saltou de alegria como quem ouve qualquer nova imprevista, apesar de já estar sossegada por eu abandonar parte da minha miséria, que a fazia chorar por mim como por um morto, que havíeis de ressuscitar (AGOSTINHO, 2015, p. 123).

Graças aos ensinamentos de Ambrósio, por meio de suas pregações, Agostinho era atraído cada vez mais pela beleza de Deus. No entanto, por conta de seus próprios hábitos cobertos de luxúria, a sua aproximação a Deus e, conseqüentemente, a sua conversão eram dificultados. Esse momento da vida de Agostinho era uma luta de vontades, pois como ele mesmo expõe,

[q]uando eu deliberava servir ao Senhor meu Deus, como há muito tempo tinha proposto, era eu o que queria e era eu o que não queria; era eu mesmo. Nem queria, nem deixava de querer inteiramente, por isso me digladiava; rasgando-me a mim mesmo. Esta destruição operava-me, é certo, contra a minha vontade, porém não indicava a natureza de uma alma estranha, mas o castigo da minha própria alma (AGOSTINHO, 2015, p. 193).

Agostinho lutava consigo por conta dos seus vícios alimentados pelo hábito de realizá-los. Amargurado por não conseguir abandonar os seus antigos hábitos, Agostinho se isolou para encarar a si mesmo, e com a leitura da Carta de S. Paulo aos Romanos (Rm 13, 13-14) ele compreendeu o seguinte trecho: “[c]omo de dia, andemos decentemente; não em orgias e bebedeiras, nem em devassidão, nem em rixas e ciúmes. Mas vesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis satisfazer os desejos da carne” (CARTA..., 2002, p. 1988).

Os versículos lidos eram o que faltavam para Agostinho tornar definitiva a sua decisão de conversão. Por fim, ele recebeu o sacramento do batismo pelas mãos do bispo Ambrósio.

Pouco tempo após a sua conversão definitiva, Agostinho partiu para uma chácara em Cassiciaco, emprestada pelo seu amigo Verencundo, onde ele tratou de escrever um diálogo filosófico e teológico a respeito da felicidade chamado de *A Vida Feliz (De Beata Vita)*, que mostra que a felicidade genuína é o encontro com Deus. O livro consiste em uma série de diálogos que Agostinho tem juntamente de

seus amigos, discípulos e familiares, a saber: Alípio, Licêncio, Trigésio, seu irmão Navígio, seu filho Adeodato e sua mãe Mônica.

## 2. A BUSCA DA FELICIDADE E OS DESEJOS

### 2.1. A Filosofia como um porto para a felicidade

Como mencionado anteriormente, o livro *A Vida Feliz* foi escrito durante a estada de Agostinho na chácara cedida pelo seu amigo Verencudo, em Cassiciaco. No começo da obra, Agostinho faz uma dedicatória a Mânlio Teodoro, na qual ele menciona a existência de três tipos diferentes de “navegadores” suscetíveis de serem acolhidos pela Filosofia.

Para o Doutor de Hipona, a Filosofia seria como um porto seguro responsável por guiar todo aquele disposto a ser feliz, pois, como o próprio Agostinho diz (1998, p. 117),

[s]e fosse possível atingir o porto da Filosofia – único ponto de acesso à região e à terra firme da vida feliz -, numa caminhada exclusivamente dirigida pela razão e conduzida pela vontade, talvez não fosse temerário afirmar, ó magnânimo e ilustre Teodoro, que o número dos homens a lá chegar seria ainda mais diminuto do que aqueles que atualmente aportam a esse porto, já tão raros e escassos se apresentam a ele.

A visão agostiniana sobre a função da Filosofia assemelha-se ao pensamento de Cícero, pois, como já mencionado antes, fora por meio das obras dele que Agostinho começou a ter contato com a Filosofia. Para Cícero, o desenvolvimento das virtudes seria necessário para fazer com que o homem fosse feliz. No entanto, como desenvolver as virtudes? Cícero chegou à conclusão de que é a Filosofia que garante esse desenvolvimento; em outras palavras, o trabalho filosófico guia o homem no processo de desenvolvimento das virtudes.

Ó filosofia, és a única capaz de nos guiar! És tu que ensinas a virtude e que subjugas o vício! Que faríamos nós e em que se tornaria o gênero humano sem o teu socorro? És tu que destes à luz as cidades, para que vivessem em sociedade os homens, antes dispersos. És tu que os unistes, primeiramente pela proximidade do domicílio, e em seguida pelos laços do matrimônio, e por fim pela comunhão da linguagem e da escrita. Tu inventaste as leis, constituíste os costumes, instituíste a ordem. Tu serás o nosso asilo, é à tua ajuda que recorreremos, e, se em outros tempos nos contentamos com seguir em parte as tuas lições, nós hoje a elas nos submetemos inteiramente, sem reservas (CÍCERO, 2005, p. 7).

Diante este elogio à Filosofia percebe-se o quanto Cícero se importava com ela, pois, como já mencionado antes, a Filosofia é como um porto de entrada que o

ser humano precisa adentrar como uma forma de ser feliz. Agostinho compartilha deste pensamento, porém ele acrescenta a existência dos três tipos de navegantes que são suscetíveis de serem acolhidos pela Filosofia.

O primeiro tipo de navegante é aquele que se afasta da terra, mas não demasiadamente. Esse navegante, tendo se fixado em algum lugar tranquilo, inspira, por meio das obras realizadas, outras pessoas a o seguirem.

O segundo tipo de navegante são aqueles iluminados e seduzidos pelo aspecto falacioso do mar e, como resultado, “perdem-se nos mais profundos abismos da miséria” (AGOSTINHO, 1998, p. 118). A terceira categoria de navegantes, segundo Agostinho (1998, pp. 118 – 119),

[c]ompreende os que, desde o limiar da adolescência ou após terem sido longe e prudentemente balançados pelo mar, não deixam de dar sinais de se recordarem da doce pátria, ainda que no meio de vagalhões. [...] Frequentemente, porém, acontece que perdem a rota em meio a nevoeiros, ou fixam astros que declinam no horizonte. Deixam-se reter pelas doçuras do percurso. Perdem a boa oportunidade de retorno.

Os três diferentes aspectos de navegantes refletem a própria trajetória de vida de Agostinho. Por exemplo, o terceiro tipo de navegante, que se perdeu no mar por conta do nevoeiro, é uma clara analogia à busca de Agostinho pela Verdade. A névoa que causava transtorno a Agostinho foi a sua prática da leitura dos astros, a sua entrada na seita maniqueísta e os seus estudos dos chamados Acadêmicos: Cícero, Arcesilau e Carnéades.

Como dito antes, a trajetória da vida de Agostinho o levou a diversos lugares em sua procura pela Verdade. No entanto, como o navegante perdido na névoa e que se iludia achando estar sobre terra firme, mas que, na verdade, esse chão “[...] é oco interiormente e sem consistência. Aos que se arriscam a caminhar sobre ele, abre-se o solo a tragá-los e sorvê-los, submergindo-os em profundas trevas”. (Agostinho, 1998, pp. 119 – 120).

Muitas vezes o rochedo parece, por seu brilho próprio, ser a própria felicidade, mas ele não passa de uma enganação, iludindo a todo aquele que puser os seus pés nele. O rochedo é a representação do próprio orgulho, “que nos faz falhar a visão [razão] das coisas em si e faz com que acreditemos que somente com a razão podemos chegar à felicidade” (DIAS, 2004, p. 66). O retorno à costa, para Agostinho, começou quando ele conheceu Ambrósio.

## 2.2. O desejo da felicidade

No primeiro dia do colóquio instaurado por Agostinho com seus discípulos, familiares e amigos na chácara em Cassiciáco, é falado que o ser humano é composto de corpo e alma, sendo os dois necessitados de alimentos para viver e se desenvolver. Questiona, então, Agostinho: qual seria o alimento da alma? O alimento para a alma é, como afirma Mônica (mãe de Agostinho), o conhecimento das coisas e a sabedoria. No entanto, esse alimento pode apresentar-se de duas formas: um salutar e proveitoso e outro como malsão e funesto.

As pessoas cujas almas são alimentadas pelo funesto tendem a serem cheias de vícios e maldades:

[a]ssim é, concordei e podes crer que isso representa para os espíritos certa esterilidade e fome. Pois, do mesmo modo como o corpo, privado de alimento, fica exposto a doenças e reações malignas decorrentes de sua inanição, assim o espírito ignorante está impregnado de doenças provenientes de suas carências. Os antigos justamente queriam que fosse chamada malignidade essa decomposição que é mãe de todos os vícios, pois vem a ser o nada e o vazio. E a virtude contrária a tal vício denomina-se moderação, temperança ou frugalidade (AGOSTINHO, 1998, p. 126).

O trecho mostra que a cura para uma alma terrivelmente mal alimentada é a prática das virtudes, pensamento este defendido por antigos pensadores como, por exemplo, os estoicos, epicuristas e pelo próprio Agostinho. Inclusive Cícero, a quem Agostinho tinha em tão alta conta, dizia “que a virtude é suficiente para o homem ser feliz” (CÍCERO, 2005, p. 04). Em outras palavras, uma alma devidamente bem alimentada será aquela cujo alimento esteja relacionado ao desenvolvimento das virtudes de forma a garantir que o homem não se vicie naquilo que faz mal a ele.

No final da discussão sobre a necessidade de uma boa alimentação da alma, Agostinho entra na temática principal do colóquio, que é a felicidade: “[...] portanto, [faço] votos para que sintais o apetite do espírito para esse alimento, e seja ele superior ao apetite do corpo” (AGOSTINHO, 1998, p. 127). Agostinho, então, pede que todos se preparem para o alimento da alma.

O filósofo deu continuidade ao colóquio e, tendo preparado a todos com a questão do alimento da alma, faz, enfim, a questão a respeito da felicidade, perguntando aos presentes se todos querem ser felizes (AGOSTINHO, 1998, p. 128) e se quem não tem o que quer é feliz. Essas duas questões levaram os presentes a

responderem que “sim” para a primeira pergunta; mas disseram não para a segunda pergunta. Isto levou Agostinho a perguntar se quem tem o que quer é feliz (AGOSTINHO, 1998, p. 128). Em outras palavras, a felicidade está em simplesmente conseguir aquilo que se deseja? Quem responde essa questão é Mônica, dizendo que “[...] se for o bem que ele apetece e possui, será feliz. Mas, se forem coisas más, ainda que as possua, será desgraçado” (AGOSTINHO, 1998, p. 128). Agostinho, muito satisfeito com a resposta de sua mãe e como forma de exprimir melhor o raciocínio dela, cita um trecho de *Hortênsio*, de Cícero, dizendo o seguinte:

[h]á certos homens – certamente não filósofos, pois sempre prontos a discordar – que pretendem ser felizes todos aqueles que vivem a seu bel-prazer. Mas tal é falso, de todos os pontos de vista, porque não há desgraça pior do que querer o que não convém. És menos inferior por não conseguires o que queres, do que por ambicionar obter algo inconveniente. De fato, a malícia da vontade ocasiona ao homem males maiores do que a fortuna pode lhe trazer de bens (AGOSTINHO, 1998, p. 128).

Tanto a resposta de Mônica quanto o argumento de Cícero pelas palavras de Agostinho mostram que realizar os seus desejos não acarreta, necessariamente, na felicidade. Dito isso, Licêncio o questiona com duas perguntas muito válidas para a situação: o que é necessário para ser feliz? E o que se pode desejar para alcançar a felicidade?

Para o Doutor de Hipona, a satisfação dos desejos não necessariamente tornará a pessoa feliz. Por essa razão, o questionamento de Licêncio é tão importante, pois mesmo sendo necessário o desejar para ser feliz, isso não basta simplesmente, pois a questão não é desejar, mas o que deve ser desejado. O problema da beatitude agostiniana, portanto, consiste em saber o que homem deve desejar para ser feliz e como pode adquiri-lo. Refletir sobre o que deve ser desejado é algo que o próprio Agostinho o fazia demasiadamente, muito antes de sua conversão definitiva ao catolicismo.

Em uma parte de *Confissões*, intitulada “Ascensão dolorosa”, mostra-se a luta interior de Agostinho e a sua instabilidade na caminhada para Deus. Apesar dessa inconstância, a “[...] vossa lembrança [por parte de Deus] acompanhava-me” (AGOSTINHO, 2015, p. 176. Grifo nosso). Mesmo assim, o teólogo não conseguia acessá-la:

[f]oi assim que ela atingiu aquele Ser, num abrir e fechar de olhos. Compreendi então que as vossas perfeições invisíveis se declaram por meio das coisas que foram criadas. Mas não pude fixar a vista e, ferido pela minha enfermidade, tornei aos vícios habituais. Não conservava comigo senão aquela lembrança amorosa, desejando, se assim me posso exprimir, os aromas dos alimentos que ainda não podia comer (AGOSTINHO, 2015, p. 168).

O que devia ser desejado ainda estava distante e perdido nas lembranças de Agostinho e, por conta disso, ele ainda não tinha a plena noção do que desejar. Por isso a sua discussão durante o colóquio foi de suma importância para trazer luz a essa questão, pois o homem infeliz é aquele que não é, obviamente, feliz e será também infeliz aquele que não possui o que deseja. Então o que desejar para ser feliz? Para Agostinho (1998, p. 129), “[i]sso significa ser necessário que se procure um bem permanente, livre das variações da sorte e das vicissitudes da vida. Ora, não podemos adquirir à nossa vontade, tampouco conservar para sempre, aquilo que é perecível e passageiro”.

Para Agostinho, o ser humano precisa desejar algo que seja livre das vicissitudes da vida para ser feliz. Trigésio, porém, replica afirmando que há “[...] muitos homens afortunados que possuem em grande abundância tais bens frágeis e sujeitos ao acaso, e, no entanto, levam vida agradável. Nada lhes falta de tudo quanto desejam” (AGOSTINHO, 1998, p. 130). O argumento de Trigésio logo foi rebatido por Agostinho, pois mesmo alguém afortunado, tendo aquilo que deseja, continuará ansiando por algo e essa constante ânsia não permitirá ao homem ser feliz de forma genuína. Por isso, Mônica reitera o argumento de Agostinho ao dizer que mesmo se “[...] alguém tivesse a certeza de não perder tais bens frágeis, contudo, nunca viria a se contentar com o que já possui. Portanto, a pessoa seria infeliz pelo fato de querer sempre mais” (AGOSTINHO, 1998, p. 130).

Por fim, Agostinho revela que a pessoa feliz precisa de um bem permanente, que não lhe possa ser retirado em algum revés da vida. Então, que bem é esse que seja livre das vicissitudes e que seja permanente? A resposta de Agostinho é de que esse não é um simples bem, mas um Bem que é imutável, perfeito e eterno: Deus.

Diante da afirmação de Agostinho, conclui-se que a posse de Deus traz a felicidade. Essa conclusão, contudo, gerou outro questionamento: quem entre os homens possui a Deus? A resposta veio de Adeodato, filho de Agostinho, quando ele disse que possui “[...] a Deus quem não tem em si o espírito imundo” (AGOSTINHO, 1998, p. 131), pois quem não tem um espírito sujo é aquele que vive

bem consigo mesmo e que realiza o que Deus quer que se faça. Como é mencionado por Agostinho em *Confissões* (2015, p. 255),

[a] vida feliz consiste em nos alegrarmos em Vós, de Vós e por Vós. Eis a vida feliz, e não há outra. Os que julgam que existe outra apegam-se a uma alegria que não é verdadeira. Contudo a sua vontade jamais se afastará de alguma imagem de alegria...

Estar com Deus é ser feliz de verdade e tudo o que está fora disso não garante uma vida feliz estável, pois sempre fará com que o ser humano deseje e continue a fazê-lo sem se satisfazer por completo. Estar longe de Deus é como estar longe da Verdade, pois “[...] somente Deus é permanente e independente de todo o resto, pois apenas ele é eterno. Aquele que tem Deus é, portanto, o único que teria a felicidade e, por conseguinte, o desejo de Deus é a única via que conduz à beatitude” (GILSON, 2010, p. 19).

Pode-se assumir, portanto, que a incessante busca de Agostinho pela verdade coincide com a busca do homem pela felicidade. A beatitude agostiniana, então, consiste na posse da Verdade que é Deus, pois, como escrito no Evangelho segundo S. João (Jo 14, 6 – 7), Jesus disse: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim. Se me conheceis, também conheceis meu Pai. Desde agora o conheceis e os vistes” (EVANGELHO..., 2002, p. 1879).

Por isso, também, é que Agostinho critica os chamados Acadêmicos, sendo eles Cícero e alguns pensadores gregos (destacando-se entre eles Arcesilau e Carnéades) (PAOLOZZI, 2017, p. 166). Mesmo tendo muito respeito por Cícero, Agostinho não concordava com ele no que tange à Verdade, pois, na visão de Cícero, a Verdade existia, mas a possibilidade de discerni-la não era possível:

[s]e é evidente, como a razão nos demonstrou há pouco, não poder ser feliz quem não possui o que deseja; e de outro lado ninguém procura o que não deseja encontrar; como então se explica que os acadêmicos estejam sempre à procura da verdade? Porque eles a querem encontrar, mas por método infalível, a fim de a poder descobrir. E, contudo, não a descobrem! Segue-se, portanto, que não são felizes (AGOSTINHO, 1998, pp. 132-133).

Com essa conclusão a respeito dos Acadêmicos, Agostinho encerra o primeiro dia do colóquio.

### 2.3. A posse de Deus como condição para a felicidade

No segundo dia do colóquio há, primeiramente, a retomada do que já foi discutido, a saber: possui a Deus quem faz o que Ele quer, quem vive bem e quem não possui um espírito impuro. Agostinho inclui, também, que todo aquele que realiza o desejo de Deus será feliz.

Dado o que foi retomado, há o questionamento por parte de Agostinho ao seu filho Adeodato sobre o significado de “espírito impuro”. Para Adeodato, está isento de espírito impuro aquele que vive castamente<sup>13</sup> e será realmente casto quem tiver o seu olhar voltado para Deus e não se prender a nada além Dele, somente. Por isso desse “[...] modo, será necessário, para quem é casto, viver bem, e quem vive bem necessariamente será casto” (AGOSTINHO, 1998, p. 139).

Como dito anteriormente, o homem casto precisa redirecionar os seus olhos para Deus, pois Este deseja que aquele o procure. Será feliz aquele a quem Deus está presente como amigo. Por isso que

[...] todo o que encontrou a Deus e o tem benévolo é feliz. Todo o que ainda busca a Deus tem-no benévolo, mas ainda não é feliz. E, enfim, todo o que se afasta de Deus, por seus vícios e pecados, não somente não é feliz, mas sequer goza da benevolência de Deus (AGOSTINHO, 1998, p. 143).

Deus deseja que o homem o procure. Mas, como é estabelecido por Agostinho, é necessário que o homem precise conhecer a si mesmo antes de conhecer a Deus para que ele possa compreender que “[...] a alma, sabendo o que ela é, viva de acordo com sua verdadeira natureza, ou seja, para ela se colocar no lugar que lhe convém: abaixo d’Aquele a quem ela deve se submeter, acima do que deve dominar, acima do corpo e abaixo de Deus (GILSON, 2010, p. 18).

Em *Confissões*, mais especificamente no livro “X”, intitulado “O Encontro com Deus”, é narrado por Agostinho o motivo de suas confissões:

---

<sup>13</sup> A castidade significa a integração correta da sexualidade na pessoa e, com isso, a unidade interior do homem em seu ser corporal e espiritual. A sexualidade, na qual se exprime a pertença verdadeiramente humana quando é integrada na relação de pessoa a pessoa na doação mútua, total e temporalmente ilimitada do homem e da mulher. A virtude da castidade comporta, portanto, a integridade da pessoa e a integralidade da doação. [...] A castidade comporta a aprendizagem do domínio de si que é pedagogia da liberdade humana. A alternativa é clara ou o homem comanda suas paixões e obtém a paz, ou se deixa subjugar elas e se torna infeliz (CATECISMO..., 2017, p. 606).

[n]a verdade, as confissões dos males passados – que perdoastes e esqueceste para me tornardes feliz em Vós, transformando-me a alma com a fé e com o vosso sacramento – quando se leem ou ouvem, despertam o coração para que não durma o desespero nem diga: “não posso”. Despertam-na para que vigie no amor da vossa misericórdia e na doçura da vossa graça, com a qual se torna poderoso o fraco que, por ela, toma consciência da sua fraqueza. Consolam-se além disso, os bons ao ouvirem os males passados daqueles que já não sofrem. Deleitam-se não por serem males, mas porque o foram e agora não o são (AGOSTINHO, 2015, pp. 232 – 233).

Como mostra o trecho, Agostinho escreve *Confissões* para ajudar outras pessoas a também conhecerem a Deus, converterem-se e contarem com a misericórdia divina. Para o Doutor de Hipona, o fruto de *Confissões* é saber sobre a si mesmo de forma a conhecer-se melhor. Na obra *A Vida Feliz*, Agostinho fala que a beatitude é estar na posse de Deus. No entanto, onde encontrá-lo? Esse é o questionamento do capítulo X de *Confissões*, “O Encontro com Deus”, o qual já mostra o pensamento agostiniano pós-conversão.

Nesse capítulo, Agostinho comenta sobre as coisas que ele descobre a respeito de si mesmo. Ele pede que Deus o ilumine para, então, conhecer o desconhecido de si mesmo. Agostinho pergunta aos diferentes elementos (a terra, ao mar, ao abismo, aos seres vivos, ao ar, o céu, o sol, a lua e as estrelas) quem é Deus, e, no final, todos respondem que não são Deus. No entanto, todos eles dizem que fora Deus quem os criou. Agostinho busca, com os questionamentos feitos aos diferentes elementos, sair do aspecto estético da questão para entrar no aspecto metafísico.

O autor, então, continua a sua busca por Deus, pois, como ele mesmo diz: “Transporei, então, estas forças da minha natureza, subindo por degraus até aquele que me criou” (AGOSTINHO, 2015, p. 238). Ele, enfim, resolve buscar a Deus no castelo da memória: em si mesmo.

O que seria a memória? Para Agostinho, quando se entra na memória pode-se mandar aparecer as imagens que deseja, elas aparecem de imediato ou demoram mais tempo para se mostrarem. Há imagens que aparecem de forma repentina enquanto se procura por outra. Em suma, é na memória que “[...] se conservam distintas e classificadas todas as sensações que entram isoladamente pela sua porta” (AGOSTINHO, 2015, p. 239), ou seja, é na memória que são guardadas as sensações provenientes dos sentidos.

Na visão agostiniana, é na memória que

[...] encontro a mim mesmo, se recordo as ações que fiz, o seu tempo, lugar e até os sentimentos que me dominavam ao praticá-las. É lá que estão também todos os conhecimentos que recordo, aprendidos ou pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem (AGOSTINHO, 2015, p. 240).

É na memória que o ser humano consegue encontrar a si mesmo. Como é dito por Agostinho (2015, p. 249), são

[...] nos campos da minha memória, nos seus antros e cavernas sem número, repletos, ao infinito, de toda a espécie de coisas que lá estão gravadas, ou por imagens, como os corpos, ou por si mesmos, como as ciências e as artes ou então por não sei que noções e sinais, como os movimentos da alma, os quais, ainda quando não a agitam, se enraízam na memória, posto que esteja na memória tudo o que está na alma. Percorro todas estas paragens. Vou por aqui e por ali. Penetro por toda a parte quanto posso, sem achar fim. Tão grande é a potência da memória e tal o rigor da vida que reside no homem vivente e mortal.

O respectivo trecho, encontrado no capítulo X de *Confissões*, sintetiza tudo aquilo que é comportado pela memória: as imagens ou corpos apreendidos pelos sentidos; as coisas por si mesmas, sendo estas os conhecimentos aprendidos por meio dos estudos das artes liberais<sup>14</sup>; os afetos da alma e o esquecimento. Ao se falar sobre os afetos da alma, é interessante salientar as considerações de Agostinho sobre isso, pois quando os afetos são lembrados e tirados da memória, eles podem ser sentidos de maneiras diferentes.

Sendo assim, por que será que evocar com alegria as minhas tristezas, a alma contém a alegria, e a memória à tristeza, de modo que a minha alma se regozija com alegria que em si tem a memória não se entristece com a tristeza que em si possui? (AGOSTINHO, 2015, p. 245).

---

<sup>14</sup> A partir do séc. I foram denominadas "A. liberais" (isto é, dignas do homem livre), em contraste com as A. manuais, nove disciplinas, algumas das quais Aristóteles teria denominado ciências, e não artes. Essas disciplinas foram enumeradas por Varrão: gramática, retórica, lógica, aritmética, geometria, astronomia, música, arquitetura e medicina. Mais tarde, no séc. V, Marciano Capela, em *Núpcias de Mercúrio e da filologia*, reduzia a sete as A. liberais (gramática, retórica, lógica, aritmética, geometria, astronomia e música), eliminando as que lhe pareciam desnecessárias a um ser puramente espiritual (que não tem corpo), isto é, a arquitetura e a medicina, e estabelecendo assim o curriculum de estudos que deveria permanecer inalterado por muitos séculos [...]. S. Tomás estabelecia a distinção entre *A. liberali* e *A. servili* com o fundamento de que as primeiras se destinavam ao trabalho da razão, e as segundas, "aos trabalhos exercidos com o corpo, que são de certo modo servis, porquanto o corpo está submetido servilmente à alma e o homem é livre segundo a alma" [...] (ABBAGNANO, 2007, p. 82).

Como é explicado pelo questionamento de Agostinho em *Confissões*, o ato de rememorar uma lembrança triste não necessariamente fará com que a pessoa se sinta triste, pois talvez a sensação de a trazer de volta seja diferente. A rememoração pode causar uma sensação diferente ao indivíduo.

No palácio da memória, como já dito antes, é onde o indivíduo consegue encontrar-se consigo mesmo. No entanto, é também onde encontra a Deus? Para o filósofo da patrística, a procura de Deus na memória assemelha-se à parábola da mulher que perdera o seu dracma<sup>15</sup>. A mulher, apesar de não estar vendo a sua moeda, tem uma imagem dela na sua memória e usou essa imagem para quando achar a dracma saber se era a que havia sido perdida. A dracma desaparecera para os olhos, mas a sua imagem continuou conservada na memória da mulher.

Como já explicado antes, a verdadeira vida feliz consiste em ter a posse de um Bem imutável e livre das vicissitudes da vida. Ou seja, a beatitude agostiniana consiste em estar em posse de Deus. A felicidade, na visão de Agostinho (2015, p. 253), é

[...] real não é grega nem latina, mas os gregos, os latinos e os homens de todas as línguas têm um desejo ardente de a alcançar. E assim, se fosse possível perguntar-lhes a uma só voz se “queriam ser felizes”, todos, sem hesitação responderiam que sim. O que não aconteceria se a memória não conservasse a própria realidade, significada nessa palavra.

A felicidade não é um corpo, ela não é lembrada tal qual os números ou a eloquência e, também, não é descoberta pelos sentidos corporais. A vida feliz é a alegria que provém da Verdade, mas para amar a Verdade é preciso ter uma noção dela na memória. Por essa razão é que muitos não encontram na Verdade a alegria genuína, pois eles simplesmente se entregam a outras coisas que só os afastam dela. É por essa razão que o Doutor de Hipona questiona:

[p]or que é que a verdade gera ódio? Por que é que os homens têm como inimigo aquele que prega a verdade, se amam a vida feliz que não é mais que a alegria vinda da verdade? Talvez por amarem de tal modo a verdade que todos os que amam outra coisa querem que o que amam seja verdade. Como não querem ser enganados, não se querem convencer de que estão em erro. Assim, odeiam a verdade, por causa do que amam em vez da

---

<sup>15</sup> No Evangelho segundo S. Lucas (Lc 15, 8 – 10): “[...] Ou qual a mulher que, tendo dez dracmas e perder uma não acende a lâmpada, varre a casa e procura cuidadosamente até encontrá-la? E encontrando-a, convoca as amigas e vizinhas, e diz: ‘Alegrai-vos comigo, porque encontrei a dracma que havia perdido!’ Eu vos digo que do mesmo modo, há alegria diante dos anjos de Deus por um só pecador que se arrepende” (EVANGELHO..., 2002, p.1816).

verdade. Amam-na quando os ilumina e odeiam-na quando os repreende (AGOSTINHO, 2015, p. 256).

A vida feliz é aceitar a Verdade imutável, no caso, Deus e Este encontra-se na memória, pois desde o momento em que Ele é conhecido não há como esquecer-se Dele. Mas onde Deus foi conhecido? “Onde vos encontrei, para vos conhecer, senão em Vós mesmo que estais acima de mim?” (AGOSTINHO, 2015, p. 258). Deus sempre responde, mas, a depender de como está o receptor, talvez ele não consiga aceitar a resposta. Porém ela fica na memória esperando o momento para vir à tona.

As experiências vividas por Agostinho retratadas em *Confissões* mostram a figura do filósofo antes e depois de sua conversão. Em ambos os momentos é sempre presente a angústia sentida pelo filósofo tanto na busca pela Verdade em seu momento anterior à conversão quanto na busca por Deus após a sua conversão. A busca por Deus, para Agostinho, e a busca pela Verdade são a mesma coisa. No final do capítulo X de *Confissões*, Agostinho retrata por meio de uma oração como se deu a sua incessante busca pela Verdade, por Deus, por ele mesmo e os seus percalços. A oração diz que

[t]arde vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde vos-amei! Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar-vos! Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criastes. Estáveis comigo, e eu não estava convosco! Retinha-me longe de vós aquilo que não existiria se não existisse em Vós. Porém me chamastes com uma voz tão forte que rompestes a minha surdez! Brillhastes, cintilastes e logo afugentastes a minha cegueira! Exalastes perfume: respirei-o suspirando por vós. Eu vos saboreei, e agora tenho fome e sede de Vós. Vós me tocastes e ardi no desejo de vossa paz (AGOSTINHO, 2015, p. 258).

O encontro com Deus foi a resposta que Agostinho tanto procurava em sua busca pela Verdade. Como relatado em sua oração, a presença de Deus causa na pessoa uma alegria indescritível.

A sensação de êxtase ocasionada pelo encontro com Deus é explanada por Agostinho em sua oração e é também explicada por ele em sua estadia em Óstia, sendo este lugar também o local de falecimento de sua mãe, Mônica. O êxtase em Óstia, narrado por Agostinho em *Confissões*, faz com que todo aquele que leia as páginas dessa parte do livro possa imaginar um mundo de silêncio e de gozo para além do tempo e da fantasia dos sentidos. Tanto Agostinho quanto a sua mãe divagaram

[...] por todos as coisas corporais até o próprio céu, donde o sol, a lua e as estrelas iluminam a terra. Subíamos ainda mais em espírito, meditando, falando e admirando as vossas obras. Chegamos às nossas almas e passamos por elas para atingir essa região de inesgotável abundância, onde apascentais eternamente Israel com o alimento da verdade. Ali a vida é a própria Sabedoria, por quem tudo foi criado, tudo o que existiu e o que há de existir, sem que ela própria se crie a si mesma, pois existe como sempre foi e como sempre será (AGOSTINHO, 2015, pp. 218 – 219).

O homem agostiniano, portanto, anseia pelo encontro com Deus, assim como o filósofo deseja conhecer a Verdade. Por isso Agostinho também tece uma linha de pensamento muito válida a respeito dessa busca pela sabedoria objetivada pela Filosofia desde o seu advento.

### 3. A FELICIDADE COMO PLENITUDE ESPIRITUAL

A proposta agostiniana sobre a vida feliz assemelha-se ao pensamento de Aristóteles<sup>16</sup> no sentido de ambas serem teleológicas<sup>17</sup>. O objetivo do homem na visão de ambos os pensadores é que ele consiga alcançar a felicidade.

Já tendo explicado de forma apropriada que a felicidade segundo a visão agostiniana é a reta busca por Deus, Agostinho, no terceiro dia do colóquio na chácara em Cassiciaco, busca explicar as maravilhas da posse de Deus no homem. Porém, antes dessa explicação, ele questiona se há uma relação entre a indigência e a infelicidade. Ou seja, Agostinho pergunta aos presentes se todo aquele que é infeliz é indigente e se é possível alguém alcançar a felicidade mesmo sendo indigente.

Agostinho utiliza algumas ideias do pensamento estoico provenientes de Cícero para responder a essas questões. Mesmo na indigência, o homem pode ser feliz, pois ele “[...] se servirá de tudo o que for necessário a seu corpo, e estiver a seu alcance. E, caso contrário, a falta desses bens não conseguirá abatê-lo” (AGOSTINHO, 1998, 145). A figura desse homem feliz mesmo na indigência condiz com a proposta estoica de como ser sábio, pois aquele que é possuidor de uma alma perfeita é alguém cuja sabedoria, ao agir, reflete alguém que “[...] não teme a morte corporal, nem os sofrimentos que não consegue expulsar, evitar ou retardar, com a ajuda daqueles bens, de cuja posse pode acontecer ver-se privado” (AGOSTINHO, 1998, p. 146).

A reflexão de Agostinho a respeito da ação do sábio frente à carência de bens torna possível a ideia de que a felicidade, mesmo na indigência, é possível. Diante

---

<sup>16</sup> [...] nasceu em 384/383 a.C., em Estagira, na fronteira macedônica. O pai de Aristóteles, chamado Nicômaco, era médico corajoso, tendo servido ao rei Amintas, da Macedônia (pai de Filipe da Macedônia). [...] Sabemos com certeza que, com dezoito anos, isto é, em 366/365 a.C., Aristóteles, que já há alguns anos ficara órfão, viajou para Atenas e logo ingressou na Academia platônica. Foi precisamente na Escola de Platão que Aristóteles amadureceu e consolidou a própria vocação filosófica de modo definitivo, tanto que permaneceu na Academia por vinte bons anos, ou seja, enquanto Platão viveu. [...] Em 323 a.C., com a morte de Alexandre, houve forte reação antimacedônica em Atenas, na qual Aristóteles foi condenado réu de ter sido mestre do grande soberano [...] para fugir dos seus inimigos, retirou-se para Cálcis, onde possuía bens imóveis maternos, deixando Teofrasto na direção da Escola peripatética. Morreu em 322 a.C., depois de poucos meses de exílio. [...] A obra mais famosa constitui-se dos catorze livros da Metafísica. Vêm depois os tratados de filosofia moral e política: a Ética a Nicômaco, a Grande Ética, a Ética Eudêmica e a Política. Por fim, devemos recordar a Poética e a Retórica (REALE e ANTISERI, 2003a, pp. 187 - 190).

<sup>17</sup>[...] Este termo foi criado por Wolff para indicar "a parte da filosofia natural que explica os fins das coisas" [...] (ABBAGNANO, 2007, p. 943).

dessa afirmação, o Bispo de Hipona parte para mais outro questionamento: será infeliz todo aquele que sente necessidade de algo? Agostinho usa o exemplo de Orata, personagem idealizado por Cícero, pois quem

[...] ousaria dizer que Orata sofria de alguma indigência, ele que se achava cumulado de riquezas, do mais refinado luxo e de prazeres? Ele, a quem nada faltava do que contribui ao deleite, ao encanto da vida, ao gozo de perfeita saúde? Possuía em abundância propriedades rendosas e amigos muito prestativos. Servia-se judiciosamente de tudo para seu bem estar. Em breves palavras: feliz sucesso coroava todos os seus empreendimentos e planos (AGOSTINHO, 1998, p. 147).

Após a contextualização sobre o estilo de vida e os bens de Orata, Agostinho se pergunta do motivo desse homem, mesmo já possuindo tantas coisas, não se satisfazer. Essa falta de satisfação gera uma angústia na personagem; mas qual é a sua causa? De acordo com Agostinho (1998, pp. 147 - 148),

[...] esse ricaço estava justamente impedido por suas próprias qualidades naturais de chegar à vida feliz. Quanto mais inteligente fosse ele, mais perceberia que poderia perder todos os seus bens. Esse receio o perseguiria e verificar-se-ia o dito popular: “A um homem sem segurança, seu próprio mal o torna conformado”.

Mesmo possuindo uma vida tão abastada, o pensamento de que tudo isso poderia ser perdido pelos reveses da vida causa em Orata uma angústia, impedido-o de ser feliz de forma plena. O problema de Orata é explicado por Mônica, pois mesmo que

[...] Orata ainda que fosse rico e, como dizíeis, nada ambicionasse a mais, acontece que pelo fato mesmo de temer a perda de todos os seus bens, encontrava-se na indigência. Faltava-lhe justamente a sabedoria. E, então, haveríamos de declarar ser alguém indigente por lhe faltar dinheiro e riquezas e não por lhe faltar a sabedoria? (AGOSTINHO, 1998, p. 148).

A indigência explanada por Mônica não seria a falta de bens e sim a carência de sabedoria o que, como toda carência, leva à infelicidade. Por isso Agostinho (1998, p. 150) diz que a “[...] carência ou indigência (*agestas*) é palavra que significa não possuir”. A falta de sabedoria leva alguém a não pensar naquilo que realmente importa e a se preocupar apenas com coisas passageiras. No que concerne a isso, Agostinho concorda com a visão estoica de Cícero, pois, para este, a figura do sábio devia buscar na Filosofia uma forma de alcançar a felicidade. A beatitude

agostiniana, então, não se resume a uma simples satisfação dos desejos: para Agostinho, a vida feliz requer algo mais profundo.

Na visão agostiniana, a indigência da sabedoria é o mesmo que a indigência da alma (*animi egestas*) e esta indigência é o “[...] oposto da sabedoria, como a morte o é da vida, e a felicidade da infelicidade.” (AGOSTINHO, 1998, p. 149).

Ao se falar a respeito da indigência, é válido salientar que o “[...] termo designa uma espécie de esterilidade e pobreza” (AGOSTINHO, 1998, p. 151) e, por isso, quando a indigência está relacionada aos bens materiais, é ainda possível que a pessoa seja feliz. Porém, quando a indigência é relacionada com a alma, então a pessoa é infeliz. Por isso Agostinho afirma que todo infeliz é um indigente que age com estultícia.

As características de alguém estultífico provêm de uma pessoa que age de forma estúpida ou tola. Por conta disso, o indigente da alma conseqüentemente é alguém estultífico, pois ele age contra a sabedoria ao se preocupar com algo sem importância. Por isso, é com

[...] razão que se afirma ser estultícia uma indigência. Portanto, equivalem-se. Logo, como todo insensato é infeliz (*miser*) e todo infeliz insensato, assim também todo indigente é infeliz e todo infeliz indigente. E pelo fato de todo insensato e todo infeliz néscio (*stultus*), segue-se que a indigência é infelicidade. Então por que não haveremos de concluir já que a infelicidade e a indigência se identificam, pois todo indigente é infeliz e todo infeliz, indigente? (AGOSTINHO, 1998, p. 151).

Já tendo explanado a respeito da pessoa indigente como aquela que é infeliz, Agostinho busca, então, examinar quem não está na carência, pois ele é alguém tanto sábio quanto feliz. Se todo aquele infeliz é indigente, então qual seria o correspondente de alguém feliz? Pois “[...] é preciso encontrar outra palavra, se não quisermos que o contrário – mais nobre – fique com um só vocábulo” (AGOSTINHO, 1998, p. 152). A resposta veio de Licêncio, respondendo que o contrário da indigência, nesse sentido, seria a plenitude. Mas, o que significaria isso? Se a indigência é a carência de sabedoria, então a plenitude é estar pleno de algo que: a sabedoria. Então,

[...] plenitude e indigência são termos opostos. E aqui, como para intemperança e moderação, duas coisas apresentam-se: os conceitos de “ser” e de “não ser” (cf. IV, 30). Justamente, se a estultícia é indigência, a sabedoria será plenitude. E, com razão, muitos consideram a moderação como sendo a mãe de todas as virtudes. A esse respeito, Túlio é do mesmo

parecer num discurso popular: “Pense cada um o que quiser; quanto a mim, estimo que a frugalidade, isto é, a moderação ou temperança, é a mais excelente das virtudes (AGOSTINHO, 1998 pp. 152 - 153).

Como a carência da alma é sinônimo de carência de sabedoria, para Agostinho, então, conseqüentemente, a alma em estado de plenitude é alguém cuja sabedoria também seja plena. Dado o que foi explicado, como age uma pessoa que tem a alma em plenitude? Suas ações seguem de forma moderada, ou seja, a moderação, como mãe de todas as virtudes, é a chave para a atividade do sábio. A medida da alma está na sabedoria e a falta da medida, ou moderação, ocasiona a falta de sabedoria.

Para ser feliz, o indivíduo deve aspirar possuir a justa medida da alma; em outras palavras, ele deve buscar a sabedoria. A sabedoria como medida da alma é

[...] o contrário da estultícia. Ora, a estultícia é indigência, e esta tem como contrário a plenitude. Logo, a sabedoria é plenitude, e a plenitude implica medida. Portanto, a medida da alma encontra-se na sabedoria. Onde o famoso aforismo que obteve justificada glória, por ser de máxima utilizada para a vida: Nada haja em demasia (AGOSTINHO, 1998, p. 154).

Sem a devida medida, a alma “[...] atira-se em excesso na direção dos prazeres, da ambição, do orgulho e de todas as outras paixões do mesmo gênero” (AGOSTINHO, 1998, p. 154). Como exemplo, pode-se citar um momento da vida de Agostinho, o qual ele relata no livro II (“Os pecados da adolescência”) de *Confissões*, em que ele seguia cegamente as suas paixões. O roubo das peras, como ele mesmo relata, denota o vício pelas suas paixões. Como ele revela, havia

[...] uma pereira carregada de frutos nada sedutores nem pela beleza nem pelo sabor. Alta noite, pois tínhamos o perverso costume de prolongar nas eiras os jogos até essas horas, eu com alguns jovens malvados fomos sacudi-las para lhe roubarmos os frutos. Tiramos grande quantidade, não para nos banquetearmos, se bem que tenhamos provado alguns, mas para os lançarmos aos porcos. Portanto, todo o nosso prazer consistia em praticarmos o que nos agradava, pelo fato do roubo ser ilícito (AGOSTINHO, 2015, p. 56).

O fruto não era nem sedutor e nem tão saboroso, então, por que furtá-lo? O furto não era para adquirir o fruto, mas para satisfazer os desejos próprios e alimentar as paixões que o pecado proporcionava.

A moderação da sabedoria gera um espírito moderado, que é aquilo pelo qual a alma se conserva em equilíbrio, de modo a não se dispersar em excessos ou

encolher-se abaixo de sua plenitude. No entanto, será que há uma forma de sabedoria plena? Neste momento, Agostinho continua para onde, segundo ele, os estoicos, a exemplo de Cícero, não conseguiram ir. Ele responde usando a Primeira Carta de S. Paulo aos Coríntios (1Cor 1, 21 – 25), a qual afirma que

“[...] o mundo por meio da sabedoria não reconheceu a Deus na sabedoria de Deus, aprovou a Deus pela loucura da pregação salvar aqueles que creem. Os judeus pedem sinais, os gregos andam em busca de sabedoria; nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens (PRIMEIRA CARTA..., 2002, p. 1994).

Agostinho cristianiza o conceito estoico neoplatônico de medida. Como afirmado pelo Apóstolo Paulo, o Filho de Deus é precisamente a Sabedoria de Deus, e como o Filho é também Deus, então feliz é quem possui a Deus.

Como a sabedoria consiste na reta medida da alma e Deus é a Verdade e a própria Sabedoria, então todo aquele que busca uma alma em estado pleno proveniente da reta medida será aquele que buscar a verdadeira Verdade, que é a Suma Medida, ou seja, Deus. A profundidade da beatitude agostiniana requer que o ser humano faça essa busca.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito das produções de *Confissões* e *A Vida Feliz* por Agostinho foi ajudar a todo aquele que também deseja conhecer a Deus. Após a análise das duas obras, nota-se um Agostinho recém-convertido e outro já mais maduro nos conhecimentos teológicos e filosóficos relacionados ao cristianismo. Devido a essa maturação no seu conhecimento pós-conversão, percebe-se algumas mudanças em seu pensamento, o que possibilitaria uma pesquisa bem mais aprofundada a respeito do estudo sobre a felicidade para o ser humano, seguindo as diferentes linhas de pesquisa no campo da Filosofia e abordando outras obras do autor.

A obra *A Vida Feliz* possibilita ao leitor compreender que a felicidade em sua plenitude é possível. Já em *Confissões*, Agostinho incentiva que todos devem buscar a Deus se realmente anseiam pela felicidade em sua plenitude.

A ideia agostiniana a respeito do ser humano como uma criatura feita por Deus possui um certo aspecto teleológico, pois Deus quer que o indivíduo O conheça, resultando na felicidade plena. No entanto, vale a pena ressaltar que apesar de Deus querer ser buscado, essa ação deve partir da escolha do próprio indivíduo. Em suma, o propósito da criação do homem tende a levá-lo ao encontro da verdadeira felicidade, porém isso só será possível na esperança da vida eterna.

O propósito do vigente trabalho foi propor um entendimento sobre a felicidade usando o pensamento de Agostinho, pois na sociedade contemporânea as angústias de cunho existencial tornaram-se bem mais evidentes. E escrever sobre o pensamento filosófico e teológico de Agostinho a respeito do assunto, mesmo após séculos, funciona, na contemporaneidade, como um bálsamo para todo aquele que deseja ser feliz.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**: Edição ampliada e revisada. 1. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.
- AGOSTINHO. **Solilóquios; A vida feliz**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1998.
- AGOSTINHO. **Confissões**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- ALBORNOZ, S. G. Apresentação. *In*: ALBORNOZ, S. G. (org.). **A Filosofia e a Felicidade**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. pp. 7-12.
- ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: Introdução à Filosofia. 6. ed. São Paulo: Moderna, 2016
- BERTI, E. **Convite à Filosofia**. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013
- CARTA de S. Paulo aos Romanos. *In*: **Bíblia de Jerusalém**. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Tradução das introduções e notas de *La Biblia de Jerusalem*, edição de 1908, publicada sob a direção da “École biblique de Jerusalem”. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1988.
- BOGAZ, S. A.; COUTO A. M.; HANSEN, H. J. **Patrística**: Caminhos da Tradição Cristã. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000. p. 606.
- CÍCERO, M. T. **A Virtude e a Felicidade**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005
- DIAS, C. E. S.; A Beatitude Agostiniana. *In*: ALBORNOZ, S. G. (org.). **A Filosofia e a Felicidade**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 63-75.
- EPICURO. **Antologia de textos**. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985
- EVANGELHO segundo S. João. *In*: **Bíblia de Jerusalém**. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Tradução das introduções e notas de *La Biblia de Jerusalem*, edição de 1908, publicada sob a direção da “École biblique de Jerusalem”. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1879.

EVANGELHO segundo S. Lucas. In: **Bíblia de Jerusalém**. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Tradução das introduções e notas de *La Biblia de Jerusalem*, edição de 1908, publicada sob a direção da “École biblique de Jerusalem”. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1816.

GILSON, E.; **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2010.

HOFFMANN, E. Sêneca: a tranquilidade da alma. In: ALBORNOZ, Suzana Guerra (org.). **A Filosofia e a felicidade**. 1. ed. Santa Cruz do Sul- RS, Brasil: Editora EDUNISC, 2004.

MOLINA, J. A., Epicuro: o filósofo da alegria. In: ALBORNOZ, S. G. (org.). **A Filosofia e a Felicidade**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 41-48.

PAOLOZZI, M. Agostinho Frente aos Céticos Acadêmicos. **Dissertatio**: Revista de Filosofia, v. 45, ano 2017. Disponível em: < <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/dissertatio/article/view/11574>> Acesso em 16 jun. 2024

PEREIRA, R. R. Filosofia e Felicidade. **Jornal UFG**, [s.l.], 18 jan. 2019. Disponível em < <https://jornal.ufg.br/n/113116-filosofia-e-felicidade> >. Acesso em: 06 dez. 2022.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. 3. ed. Belém: Ed. UFPA, 2015.

PRIMEIRA CARTA de S. Paulo aos Coríntios. In: **Bíblia de Jerusalém**. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Tradução das introduções e notas de *La Biblia de Jerusalem*, edição de 1908, publicada sob a direção da “École biblique de Jerusalem”. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1994.

REALE, G.; ANTISIERI, D. **História da Filosofia**: Filosofia pagã antiga. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

REALE, G.; ANTISIERI, D. **História da Filosofia**: Patrística e Escolástica. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2003.